

## APRESENTAÇÃO

Este número de *Sociologia & Antropologia* reúne rico conjunto de contribuições sobre Michel Foucault, autor cuja importância e influência nas ciências sociais e humanidades são incontestáveis, provocando nossas tradições intelectuais, nosso instrumental metodológico, nossas práticas de pesquisa, trazendo desdobramentos para a reflexão crítica sobre nossa realidade, nossas instituições e nosso modo de estar no mundo.

O conjunto se inicia com uma entrevista realizada por Michel Misse com Roberto Machado, filósofo que frequentou cursos e seminários do autor na França. O diálogo percorre períodos-chave da trajetória intelectual de Foucault e destaca a originalidade de suas análises em conexão com sua atuação política. À entrevista se segue “Perturbações: Foucault e as ciências sociais”, de Sérgio Adorno, que ressalta o caráter altamente provocativo do pensamento do autor, em que a crítica é instrumento de resistência e questionamento do *status quo*. Em “Foucault and Bourdieu: to each his own neoliberalism?”, Christian Laval confronta e articula a abordagem proposta pelos dois autores, enfocando momentos de suas respectivas produções, estilos de teorização, estratégias de crítica e referências intelectuais. Fechando esse conjunto, o artigo de Bruno Cardoso e Daniel Hirata examina o conceito de “inscrição” utilizado em suas pesquisas junto ao Centro Integrado de Comando e Controle do município do Rio de Janeiro e à Secretaria Especial de Ordem Pública do Estado do Rio de Janeiro para demonstrar sua proximidade teórica e metodológica das concepções de poder que podem ser encontradas em Michel Foucault e na teoria do ator-rede.

Segue-se o artigo de Silviano Santiago “A moda como metáfora do contemporâneo”. A análise do discurso do *best-seller* conduz a discussão da relação público/privado na produção editorial brasileira na qual se sucedem a vigência de um paradigma *pop*, de autoajuda, até o recente incentivo nacional do consumo em detrimento de política pública de educação igualitária e democrática.

Lilia Moritz Schwarcz, por sua vez, em “Clara dos Anjos e as cores de Lima” investiga o uso feito pelo escritor Lima Barreto dos matizes e tonalidades das cores sociais. Ao mesmo tempo em que traduz hierarquias sociais – acomodo-

dando outros marcadores sociais da diferença – tal uso repõe ambivalências próprias ao contexto pós-abolição. A manipulação dessas cores na autotaxação dos indivíduos, como o próprio criador de personagens como Clara dos Anjos e Policarpo Quaresma, é examinada.

Carlos Antonio Costa Ribeiro apresenta ao leitor as tendências da mobilidade intergeracional de renda no Brasil entre 1990 e 2000, registrando seu expressivo aumento. Compara as visões da economia e da sociologia sobre a mobilidade entre gerações através da mobilidade de renda (que aumentou bastante) e da mobilidade de status ocupacional (que aumentou menos). Finalmente, analisa a relação entre mobilidade intergeracional de educação e os dois outros tipos de mobilidade, o que revela resultados significativamente diferentes para renda e para ocupação. Com a análise original de tais tendências históricas, o artigo contribui para discussão sobre as diferenças entre as abordagens econômica e sociológica.

A memória da esterilização da geração de mulheres que conheceu o início de tal prática no Brasil é o objeto do artigo de Andrea Moraes Alves. A partir de entrevistas com 15 mulheres de diferentes perfis sociais que se submeteram voluntariamente à esterilização entre 1970 e 1980, a autora traça um quadro em que se destacam a produção de narrativas de memórias sobre a reprodução e a contracepção e a dimensão relacional da decisão por esse método que traz à tona seus médicos, seus parceiros e familiares.

Maria Raquel Passos Lima, em “Plasticidades recriadas: conhecimento sensível, valor e indeterminação na atividade dos catadores de recicláveis”, analisa a economia da reciclagem no Rio de Janeiro. Realizando etnografia sobre o circuito comercial dos “resíduos” até se tornarem “material reciclável”, descreve a organização do trabalho dos catadores, destaca o que chama de seu “conhecimento sensível”, o sistema classificatório que criam e o conjunto de técnicas que desenvolvem.

Finalmente, em “Filosofia da história ou reprodução da vida dos indivíduos? A crítica de Max Horkheimer a Georg Lukács e a reformulação do marxismo”, Vladimir Puzone mostra como a teoria crítica, em vez de se afastar da situação real da classe trabalhadora como a teoria da consciência de classe de Lukács, dá destaque aos fatores individuais e concretos que a levam a aceitar a dominação capitalista.

Na seção Registros de Pesquisa, uma entrevista com o antropólogo cubano Pablo Rodríguez Ruiz discute diferentes dimensões do racismo em Cuba, e interroga os limites e perspectivas de suas políticas públicas para essa questão, convidando os leitores brasileiros a um diálogo profícuo sobre as relações raciais, tema que acompanha a própria constituição das ciências sociais em nosso país.

Como resenha, Guillermo Giucci nos apresenta o livro *Ciudades sudamericanas como arenas culturales*, organizado pelo arquiteto e historiador argentino Adrián Gorelik e pela antropóloga brasileira Fernanda Áreas Peixoto. A obra

rende homenagem a Richard Morse e serve de estímulo ao trabalho coletivo de reflexão sobre as relações entre cidade e cultura.

É com pesar que registramos o falecimento no último dia 1 de fevereiro de Ricardo Benzaquen de Araújo, amigo e interlocutor significativo de tantos de nós, que apoiou desde a primeira hora a criação de *Sociologia & Antropologia*. Formado em história pela PUC-RJ, com mestrado e doutorado em antropologia pelo PPGAS do Museu Nacional/UFRJ, Ricardo foi professor de sociologia do antigo Instituto Universitário do Rio de Janeiro (Iuperj) e de história da PUC-RJ. Ricardo orientou numerosas teses e dissertações e escreveu ensaios magistrais. Seu livro *Guerra & Paz: Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 1930* contribuiu de modo decisivo para releituras da obra de Freyre e para a renovação dos debates na área do Pensamento Social Brasileiro. Sua atuação intelectual combinava de modo raro erudição e rigor acadêmico ao que se somavam um precioso senso de humor e uma incansável curiosidade intelectual. Tudo isso tornou-o uma presença marcante e um ponto de união entre historiadores, cientistas sociais e humanistas de modo geral. Sua obra e atuação são para nós um rico legado.

No fechamento deste número, recebemos a notícia do falecimento do professor Antonio Candido, personalidade e autor central das ciências sociais, da crítica literária e da vida intelectual brasileira como um todo. Não pudemos, portanto, nos furtar a fazer o registro como forma de homenagem. Com seus primeiros trabalhos na sociologia, como *Os parceiros do Rio Bonito*, sua tese de doutorado defendida em 1954 na USP, Antonio Candido contribuiu tanto para desenvolver uma importante área de estudos entre nós, a da sociologia rural, quanto para aperfeiçoar uma perspectiva teórica e ética que passava a pôr em relevo o papel ativo das condutas dos homens e das mulheres comuns em suas relações cotidianas em meio às dinâmicas da dominação tradicional no campo. De outro lado, também nos trabalhos sobre a literatura brasileira, a que passou a se dedicar profissionalmente, a contribuição de Candido para as ciências sociais é de grande importância. Ele tanto investigou algumas das nossas mais importantes tradições literário-intelectuais, de que *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (1959) permanecerá como paradigma, quanto forjou um método, chamado de “crítica integradora”, que explorou as interfaces entre literatura e sociedade, mostrando ainda como o texto literário recria a realidade social e como esta é reduzida estruturalmente no texto. Assim, mesmo quando aborda fenômenos literários específicos, sua obra sempre identifica e ajuda a qualificar dinâmicas culturais, políticas e sociais mais amplas, a exemplo da sua brilhante discussão sobre a “dialética da malandragem” como um traço da cultura política brasileira a partir da análise do romance *Memórias de um sargento de milícias*. Por isso e muito mais o professor Antonio Candido permanecerá também na sociologia e na antropologia brasileiras como referência e exemplo intelectual e ético de primeira grandeza.